

## APRESENTAÇÃO

### Ana Luísa Amaral, ou por outras palavras

A 5 de agosto de 2022, Ana Luísa Amaral partiu. Ou como ela escreveria no seu poema “Testamento”, “ficou despegada do seu corpo/ e tornou-se átomo livre lá no céu”, “voando lá no céu/ num contentamento deslumbrado”. A poeta, ensaísta, professora universitária, investigadora, tradutora, amiga partiu... mas deixou-nos a sua palavra — uma palavra que Ana Luísa Amaral sempre quis que dissesse de si, dos outros e do mundo. Uma palavra que “fosse a mais simples, como o mundo e a vida poderiam ser”, uma palavra que “servisse de mapa”, como escreveria numa crónica publicada no jornal *Público* em 2013. E é dessa palavra ou da procura das melhores palavras para dizer de si e da sua obra que este número dos *Cadernos de Literatura Comparada* se ocupa. Ler a obra de uma poeta com a intensidade e a concentração máximas de que formos capazes, eis a melhor homenagem que lhe podemos fazer.

Entre 2023 e o presente ano foram muitas as homenagens feitas a Ana Luísa Amaral, de entre as quais se destaca a nomeação da poeta para Figura Eminente da Universidade do Porto 2023-2024. O Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, de que Ana Luísa Amaral fez parte desde a sua fundação, tendo sido membro da Direção durante vários anos, associou-se a estas celebrações e organizou nos dias 4 e 5 de abril de 2025 o Encontro *Um Poema, uma Emoção: Ler Ana Luísa Amaral*. O Encontro, que se estendeu por dois dias — em formato *online*, no primeiro, e presencial, no segundo —, reuniu vozes provenientes dos Estados Unidos, do Brasil, de França, do Estado Espanhol, da Suécia, do Reino Unido e de Portugal, que nos deram a ouvir a voz de Ana Luísa Amaral, através da leitura de poemas seus e da leitura crítica dos mesmos, alargando-se o diálogo crítico à obra genericamente considerada da autora. Foram dois dias com momentos intensos de fruição estética, aprendizagem e comoção. As intervenções orais, necessariamente breves, encontram-se disponíveis *online*, em ficheiro audio, na [página web do Instituto](#).

O volume que agora se publica — *Ana Luísa Amaral, ou por outras palavras* — contém algumas dessas intervenções, expandidas e desenvolvidas, e outras que não puderam ter lugar no referido Encontro, mas que igualmente exploram as muitas faces dos muitos diálogos da obra poética de Ana Luísa Amaral. Entre outros propósitos, procuramos também dar voz a uma segunda geração de ensaístas que se debruça agora sobre a obra da autora, abrindo caminho para novas leituras.

Assim, a secção “Ensaios” abre com um estudo de Alexandra Moreira da Silva, que discorre sobre a tentação do teatro na obra de Ana Luísa Amaral, uma tentação que radica na paixão da poeta por William Shakespeare e que se manifesta a nível textual e extratextual em *performances* (de obras dramáticas) e em leituras-*performances* da sua poesia. Propondo uma leitura de *Próspero morreu* como uma forma expandida do monodrama polifónico, Silva mostra ainda como este “poema em acto” estabelece “um diálogo intertextual com Shakespeare, mas

também com Homero, com Camões, isto é, com o cânone teatral e literário ocidental” (p. 19).

Seguem-se dois estudos que se debruçam sobre as especificidades da linguagem poética de Ana Luísa Amaral a partir da leitura atenta de um poema, levados a cabo por Pedro Serra e Rui Mesquita. O atento e denso estudo de Pedro Serra do poema “Título a Haver” ilustra bem como a prática de *close reading*, conjugada com outras abordagens, pode ser uma via produtiva e criativa para um melhor conhecimento da riqueza e complexidade da língua poética de Amaral. A propósito do poema escolhido para análise, escreve Serra: “Um poema que promete sem cumprir, que cumpre no incumprimento, que diz no que não se diz. Aproxima-se de uma certa lógica messiânica da literatura, mas rasa ou ao rés-do-chão: uma promessa sem messias” (p. 35). Também Rui Mesquita se debruça atentamente sobre o poema “A casa e o tempo”, colocando-o em diálogo com a balada “La Belle Dame Sans Merci”, de John Keats, para pensar o alcance da linguagem poética na sua relação com o mundo em volta. Explorando a relação entre poesia, tempo e memória, Mesquita sublinha, através da análise da natureza dinâmica do poema, uma das características dominantes da poética de Ana Luísa Amaral: “a sua capacidade de percorrer mundos e de os pôr em comunicação” (p. 43).

Os ensaios de Cláudia Pazos Alonso e Alexandra Ferreira debruçam-se sobre os ecos e diálogos com Fernando Pessoa encontrados no livro *Escuro*, publicado por Amaral em 2014. A partir de uma leitura atenta do poema “O drama em gente: a outra fala”, Cláudia Pazos Alonso aborda a importância do “decassílabo revitalizado” e regenerador na poesia da autora, mostrando como o “drama em gente de Amaral é fluido e cria espaço para o ressurgimento de vozes historicamente marginalizadas ou negligenciadas, femininas e outras” (p. 55). Já Alexandra Ferreira ensaia uma leitura comparada de *Escuro* e *Mensagem*, defendendo que a “epopeia do átomo” ou “do quotidiano” (p. 64) de Amaral dialoga com a epopeia de Pessoa, revisitando-a e desmontando-a, num fecundo diálogo com a tradição. Explorando o conceito de Adrienne Rich de “re-visão”, Ferreira sublinha ainda na poesia amariliana um olhar mais atento às margens da História e àqueles que a habitam.

Depois da atenção dada a *Escuro*, dois outros livros são objeto de análise: *Ágora* (2019) e *Mundo* (2022). Mafalda Pereira parte da proposta de Liliane Louvel do *pictorial turn* e das implicações que o paradigma teve na redefinição da *ekphrasis* para levar a cabo uma fina análise do livro *Ágora*. A ensaísta procura demonstrar o modo como Ana Luísa Amaral, na reescrita de narrativas fundacionais do mundo ocidental como as que a constituem a Bíblia, leva a cabo uma profanação do que constitui também um poderoso museu ocidental, libertando “as personagens bíblicas e históricas de interpretações sacralizadas, dotando-as de imaginação e de uma nova sensibilidade e abrindo-as, assim, ao direito e ao uso comum” (p. 93). Catharina Edfeldt adota uma perspetiva zoopoética para estudar a presença de animais na obra de Amaral, partindo do poema “A pega” e de outros poemas dedicados a “gentes não-humanas”, incluídos no livro *Mundo*. Recorrendo ao conceito de “*poiesis corporal*” proposto por Aaron M. Moe, Edfeldt mostra como Ana Luísa Amaral confere uma voz própria aos seres de outras espécies — “seres-gentes” —, numa “atenção” à linguagem corporal do *outro*, “essencial para a intercomunicação e o relacionamento poéticos entre espécies” (p. 107).

Por fim, Maria Irene Ramalho, a leitora que melhor e mais regularmente acompanhou o percurso poético de Ana Luísa Amaral, propõe uma reflexão crítica centrada na tensão entre memória e esquecimento como elementos estruturantes da escrita amariliana. Partindo do poema “O exacto curso do rio”, de *Imagias* (2002), Ramalho faz uma viagem pela obra da autora, mostrando como, em Amaral, esquecer pode ser uma estratégia essencial para pensar e poetizar: “Chamo a este gesto poético esquecer para lembrar” (p. 122).

A secção “Testemunhos” encerra o dossier dedicado a Ana Luísa Amaral, apresentando três breves textos de carácter mais pessoal: “Uma (quase) carta da montanha para Ana Luísa Amaral”, de Isabel Alves; a leitura “anti-Brexit” do poema “Lugares Comuns”, por Claire Williams; e a reflexão de Ana Gabriela Macedo sobre a materialidade da escrita da poeta, a propósito da conversa registada, e de novo aqui reproduzida, com Ana Luísa Amaral aquando da entrega do Prémio Reina Sofia, em 2021.

Como habitualmente, este número de *Cadernos de Literatura Comparada* abre-se, na secção “Varia”, a ensaios de índole diversa. António de Sousa Ribeiro revisita algumas das noções sobre tradução expostas num ensaio anterior (2005), percorrendo teorias e debates nucleares neste campo, para defender a necessidade de se alargarem os limites das zonas de tradução, e de se privilegiar uma *ética de reconhecimento*, premente no atual quadro da crise dos emigrantes e dos refugiados. Como escreve o ensaísta e reputado tradutor, no mundo ocidental têm sido criados “espaços de exclusão, de não-lugares, onde o outro é interpretado como intraduzível” (p. 153). Sousa Ribeiro traz à colação o ensaio de Wolfgang Iser, “On Translatability”, onde o teórico alemão alerta para a insuficiência da abertura de fronteiras e do acolhimento: quer se trate de textos quer de pessoas, não basta o acolhimento; é preciso que os quadros de referência dos lugares de chegada se alterem para incluírem mundos diferentes.

Em “Olhares sobre Strindberg, passando por *A Menina Júlia* e *O Sonho*”, Gonçalo Vilas-Boas começa por fazer uma abordagem panorâmica da obra do autor sueco, com inclusão de paratextos e de textos de teor autobiográfico, para depois se deter na análise das personagens nas peças *A Menina Júlia* (1888) e *Um Sonho* (1901). Vilas-Boas evidencia a complexidade da vida e da obra do autor, as suas fragilidades e contradições, como, por exemplo, no que às mulheres diz respeito. Se houve misoginia, também é um facto que Strindberg defendeu os direitos da mulher. Argumenta o ensaísta que há um antes e um depois da narrativa autobiográfica *Inferno*, e que no processo de pôr a nu os pilares da sociedade burguesa e de escrutinar a instituição do casamento, o autor se se autoencena e se autodramatiza.

No ensaio “A Paisagem e o devir-Mulher na obra de Agustina Bessa-Luís: leituras de Vale Abraão”, João Albuquerque leva a cabo um instigante estudo sobre o papel fulcral da paisagem (nas suas diversas dimensões) na obra de Agustina Bessa-Luís, que apresenta como constitutiva das relações amorosas e interpessoais transversais aos seus romances. Abordando a obra agustiniana a partir dos princípios femininos e masculinos, Albuquerque analisa *Vale Abraão* à luz das ideias de Deleuze-Guattari, em *Mille Plateaux*, procurando evidenciar os processos de desterritorialização e reterritorialização aí presentes, e demonstrar a intrínseca relação do devir-mulher da personagem Ema com o devir-paisagem (entre outros devires),

que desarticulam a(s) identidade(s) inerentes às estruturas binárias.

Por fim, Maria de Lurdes Sampaio, em “*Os Mistérios do Porto*, de Gervásio Lobato: mulheres presas nas teias da Lei e da Medicina”, dá continuidade à sua investigação sobre a literatura de mistérios oitocentista em Portugal e debruça-se sobre *Mistérios do Porto* (1890–1891), de Gervásio Lobato, um romance na linha da *sensation novel* britânica, onde a criminalidade se conjuga com a sexualidade. Neste contexto, os *Mistérios do Porto* configuram-se como uma obra pioneira no tratamento dos crimes de violação das mulheres numa sociedade patriarcal que minoriza tais atos, apresentando uma crítica contundente ao Código Penal de 1852 ao relevar a violência de género inscrita na lei. Embora haja nele uma certa “neutralização da homossexualidade feminina”, como ressalva a autora, o romance de Lobato é igualmente precursor “no tratamento do lesbianismo” e no seu “cruzamento com o crime e com a medicina” (p. 206).

Na secção “Recensões”, José Eduardo Reis regista a publicação de um livro dedicado ao processo criativo e ao legado arquitetónico-pictórico da obra de Nadir Afonso.

\*\*\*

Quando há alguns anos perguntaram a Ana Luísa Amaral o que gostaria que se lesse no seu epitáfio, ela respondeu: “Deixa uma filha maravilhosa, amigos e poemas. Leva saudades.” Leva muitas saudades, mas deixa-nos saudades eternas. Felizmente, deixa-nos também a sua poesia, onde a pressentimos sempre inteira e íntegra. E um mundo grande, largo, humano, de infinitas “galáxias e mares de estrelas e sóis” – que (a muitas e muitos de nós) tocou e mudou para sempre.

Maria de Lurdes Sampaio  
Marinela Freitas  
Rosa Maria Martelo  
Isabel Pires de Lima  
Mônica Figueiredo

\* Nota: A ortografia é da responsabilidade dos/as autores/as.